



## O CASO FIEL INIMIGO

Rui Zink\*

Universidade Nova de Lisboa

**RESUMO:** *O Fiel Inimigo* foi um semanário satírico português em formato de jornal tabloide, com 24 páginas, que durou 48 números, tendo o primeiro saído nas bancas em 3 de julho de 1993 e o último a 27 de maio de 1994. Teve como diretor Júlio Pinto (1949-2000), jornalista e humorista, resistente à ditadura derrubada pela “Revolução dos Cravos” em 1974. O autor foi editor do jornal e faz neste artigo um relato pessoal sobre a aventura jornalística de produzir um semanário de humor com uma escassez de meios de arrear um espartano. Ao mesmo tempo, contextualiza, problematiza e reflete sobre a evolução da escrita humorística periódica em Portugal dos últimos anos do século XX e dos constrangimentos que a condicionavam.

**PALAVRAS CHAVE:** Jornalismo humorístico, sátira política, Júlio Pinto, *O Fiel Inimigo*.

## THE CASE OF ‘THE FAITHFUL ENEMY’

**ABSTRACT:** *The Faithful Enemy* was a Portuguese satirical weekly newspaper in a tabloid format, with 24 pages, published from July 3, 1993 to May 27, 1994, lasting only 48 issues. Its executive editor was Júlio Pinto (1949-2000), journalist and humorist, former resistant against the dictatorship overthrown by

---

\* Escritor, professor e vítima das circunstâncias” – assim se apresenta Rui Zink na contracapa de *O Livro Sagrado da Factologia* (2017). Este é o seu romance mais recente, numa obra em que o humor ocupa um lugar central e que já ultrapassou os cinquenta títulos, entre ficção, ensaio, banda desenhada, livros para crianças, teatro e até o libreto de uma ópera (*Os Fugitivos*, 2002). Professor na Universidade Nova de Lisboa, Zink é autor de uma dissertação de mestrado sobre o humorista José Vilhena (o escritor com mais livros proibidos – e apreendidos – pela Censura durante a ditadura de Salazar e Caetano). A sua tese de doutorado foi a primeira apresentada em Portugal sobre Banda Desenhada (assim chamam do outro lado do Atlântico às histórias em quadrinhos). Livros de sua autoria, entre os quais se incluem *Hotel Lusitano* (1987), *Apocalipse Nau* (1996), *O Amante é sempre o último a saber* (2011), *A Metametamorfose e outras formosas morfofes* (2014) ou *Ossos* (2015), estão traduzidos em alemão, bengali, croata, francês, hebraico, inglês, japonês, romeno e sérvio. Tradutor de obras de [Matt Groening](#), [Saul Bellow](#) e [Richard Zenith](#), foi ainda Leitor de [Língua Portuguesa](#) na [Universidade de Michigan](#), Professor Convidado na [Universidade de Massachusetts](#), [Dartmouth](#) e escritor residente na Escola de Português do Middlebury College, Vermont, todas nos EUA. Pioneiro dos cursos de escrita criativa em Portugal, no início dos anos 90, é co-autor, com António Jorge Gonçalves, do primeiro romance gráfico português, *A Arte Suprema* (1997), e autor do primeiro romance interativo online lusitano, *Os Surfistas* (2011). *Dádiva Divina* (2005) valeu-lhe o Prémio do PEN Clube Português e o romance *A Instalação do Medo* (2012) recebeu o Prix Utopiales Européen 2017, além de ter sido adaptado ao teatro e encenado por Jorge Listopad. Na imprensa, foi colaborador do semanário [O Independente](#) (1991), da revista [K](#) (1992) e do semanário humorístico *O Fiel Inimigo* (1993-1994), entre outros. Atualmente tem uma coluna semanal no diário *Correio da Manhã*.

the “Carnation Revolution” in 1974. The author worked as an editor in *The Faithful Enemy* and writes here about his personal recollections of a journalistic adventure: publishing a weekly humor newspaper with means so scarce that would make a Spartan quiver. At the same time, he puts in context and reflects upon the evolution of written humor and its constraints in the last years of the 20<sup>th</sup> century in Portugal

**KEYWORDS:** Humorous journalism, political satire, Júlio Pinto, *The Faithful Enemy*

*Fiel Inimigo* foi um semanário satírico em formato de jornal tabloide, com 24 páginas, que durou 48 números, tendo o primeiro saído nas bancas em 3 de julho de 1993 e o último a 27 de maio de 1994. Durou pouco menos de um ano e teve como diretor um jornalista com fama de intratável, cronicamente crítico, provocador, anarquista, malicioso. E, ah, de escrever muito bem. Tudo acusações justas – uma das principais medalhas de Júlio Pinto (1949-2000) era ter sido, além de resistente à ditadura quando fazia sentido sê-lo (enquanto ela existia), expulso do *Diário*, um jornal conotado com o Partido Comunista Português.<sup>1</sup> A história ficou lendária e colou-se com justeza ao personagem.

O *Fiel Inimigo* – ou simplesmente, como a equipa preferia dizer, o *Inimigo* – durou pouco mas ficará na memória dos povos; enfim, pelo menos na memória dos pobres; pronto, pelo menos ficou na memória do pobre de mim. Tenho uma desculpa: trabalhei lá. Integrei a equipa fundadora a convite do Júlio Pinto, ele próprio desafiado para, aproveitando as instalações temporariamente desocupadas de um antigo jornal, criar de raiz um semanário de humor. Não é coisa pouca, embora pareça: este projeto surgiu num tempo em que havia um vazio por preencher, pois o único humorista independente e regular da publicação periódica – José Vilhena, uma anomalia portuguesa<sup>2</sup> – estava no defeso.

Júlio Pinto fora desafiado a, com uma escassez de meios de arrear um espartano, formar uma equipa capaz de todas as semanas pôr nas bancas um jornal humorístico. Não era – não foi – fácil. E sem publicidade, o que sempre reduz drasticamente as hipóteses de um jornal dar lucro. Por outro lado, sem publicidade a

---

<sup>1</sup> Júlio Pinto escreveu uma crónica em apoio à greve da fome dos dirigentes presos do PRP, um partido de extrema-esquerda cuja metodologia o PCP reprovava, e o incidente – quiçá derradeira gota de água no percurso de um desobediente – terá levado a uma dupla expulsão: do partido onde começara a militar quando era sinal de coragem (tradução: em ditadura) e do jornal. Cf. Teles, Viriato (2000), *Grande Amadora*. <http://viriatoteles.com/web/arquivo/imprensa-1990-2000/88-percursos-do-marginal-de-sucesso>

<sup>2</sup> Sobre José Vilhena, cf. Zink, Rui. **O humor de bolso de José Vilhena**, Lisboa: Celta, 1999.

independência é maior, dado que não há risco de (por uma piada mais certa) perder patrocínios.

No último número, como sempre na página 2, o editorial de Júlio Pinto é sarcasticamente otimista: «Não acreditamos que o quarto poder esteja condenado a acabar no quarto do poder. O poder também tem salas de estar, e, se as tem, alguém há-de lá estar.»

### COMO FAZER UM SEMANÁRIO DE HUMOR?

Desde logo, à partida, duas enigmáticas questões: a) *quem tem graça escrita?* b) *a que acha «o leitor» graça?* E, não há duas questões enigmáticas sem uma terceira: *o que é ter graça?* Se a história do jornal desse um filme, seria decerto um daqueles de ação: primeiro, o reunir da equipa, cada um com a sua especialidade; em seguida, o treino; e, por fim, a missão propriamente dita.<sup>3</sup>

O treino foi feito durante quatro números zero: afinou-se a mira, discutiu-se a lógica das primeiras páginas<sup>4</sup>, as rubricas fixas<sup>5</sup>, a estratégia de ter uma estrutura de paginação e notícias similar à de qualquer outro jornal<sup>6</sup> e, acima de tudo, qual a linha orientadora do *Inimigo*. E a linha mestra ficou esta: sátira política e social, de atualidade – mas, também, sátira aos meios de comunicação e à sua crónica hipocrisia, como está assinalado três parágrafos acima, na deprimente noção (cara a Júlio Pinto) de cada vez mais «o quarto poder estar no quarto do poder». E fazendo coisas pouco recomendáveis, ou mesmo inconfessáveis.

Um dos problemas era, desde logo, a falta de dinheiro: pouco havia para propor aos colaboradores, o que desde logo tornava difícil o aliciamento de profissionais com acesso a melhores remunerações. Assim, o critério passou a ser o de trazer conhecidos disponíveis ou jovens dispostos a estagiar. O famigerado “amor à camisola” e o prazer em participar num projeto tão ousado, tão *outrance* teriam de bastar.

---

<sup>3</sup> O último número termina até com uma nota na capa (ver fig. 1), «*O Inimigo* vai de férias», mantendo em aberto a hipótese de uma seqüela – que não aconteceu.

<sup>4</sup> Todos estávamos de acordo com a sua importância, embora acabássemos por, como veremos adiante, logo no primeiro número público atirar ao lado.

<sup>5</sup> Sempre um sossego num jornal: o editorial, a página de astrologia, o correio do leitor, os cartoons e bandas desenhadas.

<sup>6</sup> Até pelo treino do diretor gráfico, que pertencera aos quadros do *Diário Popular*.

Quarta enigmática questão: *o que oferecer de diferente ao leitor?* Este era o menor dos problemas, dada a inexistência de concorrência. O produto corria isolado, o que não era necessariamente bom, pois podia tão só significar que o interesse do público por um semanário de humor era mitigado. Isso veio a provar ser amarga verdade. Portugal é um país estranho e, pontualmente, original. Mesmo hoje, em 2018, com a multiplicação dos canais de comunicação e uma valoração talvez até exagerada do ‘humor’ e da ‘ironia’<sup>7</sup> com a ascensão dos humoristas ao poder, inclusive a uma inaudita legitimação do seu valor cultural, continua a não existir uma publicação nacional de humor escrito. No fundo, nada que não se passe também com a banda desenhada ou a ficção científica.

Quinto enigma: *o que quer o público?* Como atrair o interesse, a atenção e o investimento<sup>8</sup> de um número substancial de leitores? As primeiras tiragens declaradas em ficha técnica eram ambiciosas – sessenta mil exemplares – e as últimas mais realistas: nove mil. No final, em banca, vender-se-iam dois mil exemplares. Embora provavelmente os proprietários já tivessem noção de ir perder dinheiro, ao fim de nem um ano o *Inimigo* foi fechado:



*O Inimigo* vai de férias em Junho, que é o mês dos poetas e dos santos.

E não tencionamos apenas descansar. A ideia é reflectirmos, mesmo sem bolsa da Gulbenkian, sobre a realidade que nos cerca. Para fazermos um jornal ainda mais chato, minoritário e incompreendido.

É claro que quando voltarmos, lá para Julho, o povo não estará mais culto e inteligente. Continuaremos a ter de concorrer com o “Expresso”, a “Nova Gente”, a “Maria”, o “Correio da Manhã” e outras pornochachadas. E continuaremos a ser arrasados.<sup>9</sup>

É talvez o mais amargo editorial, e com razão. A capa (fig. 1), todavia, tem humor, graça, irreverência, e acerta com estrondo num escândalo envolvendo os Serviços de Informação e Segurança, a nossa polícia secreta. O SIS, aqui transformado em cravo emissor num estranho parque temático:

<sup>7</sup> Conceitos não só muito fluidos como a pedir pelicas.

<sup>8</sup> Cem escudos em 1993. Valor nominal de cinquenta cêntimos, o equivalente talvez a euro e meio hoje.

<sup>9</sup> O Fiel Inimigo, Edipress: Lisboa, 1993-1994, p.10,11 e 12.



(fig. 1. O último número. 27 de maio de 1994)

Espanta-me que Júlio Pinto não tenha apercebido a especular ironia: 48 anos de fascismo, 48 números do *Inimigo*.<sup>10</sup> E o pior (a outra ironia) é que andámos demasiadas vezes à procura da correspondência entre o *leitor implícito*<sup>11</sup> e os leitores reais – um leitor cujo gosto seria, cá fora, em número suficiente para tornar o jornal um sucesso – e incorremos no erro de fazer um número 1 cuja capa era, ao contrário das dos quatro números zero, concessão a toda a linha: uma piada fraca *sobre futebol*, supostamente o tema mais popular (*popularucho*, na conotação negativa), e ilustrada pelo diretor gráfico, um profissional competente mas desfasado no tempo, com um ‘boneco cómico’ anacrónico, mais em casa umas três décadas atrás. Um erro (ver fig. 2), que depois se foi tentando corrigir, mas que desde logo poderia e deveria ter sido evitado. Sobretudo nunca no primeiro número, naquele que afirma e define a marca.<sup>12</sup> Tão elementar que até dói.

<sup>10</sup> Disclaimer: na altura também eu não a vi.

<sup>11</sup> Cf. Booth, Wayne C. ([1961] 1983). *The Rhetoric of Fiction*. Chicago: UCP.

<sup>12</sup> Reconstruir uma imagem é mais difícil que construí-la de raiz.



(fig. 2. Capa do primeiro número: futebol, um 'tema popular)

## INIMIGO OU FIEL INIMIGO?

Começou por haver um título – *O Inimigo* – e um problema com o título: outro grupo de humoristas reclamava tê-lo registado anos antes, pois eles próprios contavam usá-lo para uma publicação humorística. A equipa decidiu não entrar em conflito, até por cortesia profissional. Afinal, humoristas em Portugal nos anos 90 eram poucos (a moda, ou praga, só dispararia no novo milénio), todos nos conhecíamos nem que fosse de vista, e quem tinha registado a marca merecia respeito. Com Miguel Esteves Cardoso à cabeça, já lendário como fundador do semanário *O Independente* e da recém-extinta revista mensal *Kapa* (1991-93), e o núcleo duro de comparsas então habituais: Carlos Quevedo, Nuno Miguel Guedes, Alberto Castro Nunes.<sup>13</sup> Aí, como forma de *desenrascar* o imbróglio, surgiu a ideia de adicionar um apodo: «fiel». Lembro-me de ter sido o único a discordar: eu era de opinião que “quem foi ao mar perdeu o lugar”, que «registar» não é *usar* e, acima de tudo, suspeitava (o que o tempo confirmou) que aquele bando de talentosos cabotinos acabaria por, mais gin, menos gin, nada fazer, ser apenas mais um de muitos projetos a ficar em terra. E ainda que, se desagradados

<sup>13</sup> Mais tarde, Júlio Pinto e Nuno Saraiva prosseguiriam uma colaboração frutuosa n’*O Independente*, onde eu próprio já estivera, tal como na *Kapa* de Esteves Cardoso. Sim, os círculos eram tão pequenos, promíscuos, informais e concêntricos. Salvo erro, ainda são.

ficassem, dificilmente nos poriam um processo – por vezes há honra entre ladrões. E, *last but not least*, provavelmente até era *bluff* que tivessem registado o título.<sup>14</sup>

Além disso, o «fiel» tirava força substantiva ao substantivo: transformava uma afirmação lapidar – *somos o Inimigo* – numa chalaça com o seu quê de antigo e requentado: ao longo de décadas, o prato favorito dos portugueses, o bacalhau, era alcunhado de «o fiel amigo». Isto porque, não havendo onde guardar os alimentos ao fresco, o bacalhau seco era guardado e ia rendendo, ao longo de meses, podendo sempre, nas famílias pobres e da pequena burguesia urbana em tempo de ditadura, ser cortada uma lasca para mais uma refeição. Mas nos anos 90?! Nos anos 90, fazer uma piada popular com colocava-nos do lado do moribundo teatro de revista, da «piada à Parque Mayer», em decadência desde já antes do 25 de Abril de 1974 – não no universo urbano, escolarizado, em movida onde planeávamos dançar. Atirava-nos para um mundo popular que, para mal dos seus pecados, já nem popular era. A associação deste fraquito jogo de palavras – o fiel inimigo – ao boneco desenhado pelo diretor gráfico (fig. 3) foi, ainda hoje estou em crer, prejudicial. Deus está nos pormenores.<sup>15</sup>



(fig. 3. O cabeçalho)

## O ESPÍRITO DO JORNAL

A equipa era naturalmente curta. Suponho que Júlio Pinto se tenha reunido individualmente com as pessoas que sondou para a integrarem. A mim convidou-me para ser um dos editores, disse que o outro seria «o Mário Lindolfo, conheces?». Não.

<sup>14</sup> Uma vez mais, a verificar. Patusco, isto de fazer História ao vivo.

<sup>15</sup> Na verdade, houve três logos. Ainda no protótipo 02, um desenho de Relvas – que infelizmente não investiu à altura do seu talento, pecha sua em tantos outros trabalhos. A partir do nº 36, o jornal passou a ter um logo elegante, eficaz (mas pecando por tardio) do sempre fiável Nuno Saraiva.

«O Mário Lindolfo é um gajo porreiro, é realizador da RTP mas está na prateleira há muitos anos».<sup>16</sup> O rosto de Lindolfo era uma montra permanente à clássica dupla *sorriso irónico + olhar malandro*, o que entendi como razão suficiente para os superiores «desconfiarem dele» e, provavelmente desde há muito tempo, como máscara atrevida q.b. perante o mundo e a adversidade. Mesmo antes de o conhecer pessoalmente, a cumplicidade entre ele e o Júlio era, em si, informação suficiente. Eu ainda era «uma promessa em ascensão», e, embora fôssemos amigos, pelo fosso geracional havia experiências – um, digamos, «passado de boémia e combate» – que me eram alheias. Júlio resistira, jovem adulto, à ditadura, estivera na clandestinidade, fora soldado; eu não. Já ele e Mário Lindolfo eram um par inseparável: tinham os mesmos gostos, a mesma visão do mundo, muita memória partilhada. Isso podia ser exasperante (para mim) e frustrante para eles (o não terem mais com quem partilhar aquela nébula de emoções). Por isso, estou em crer que o aquele ano de convívio profissional juntos foi a grande felicidade para ambos: o poderem, dias e meses a fio, compor aquele jornal, terem uma derradeira chance para visitar algo de valioso, real ou efabulado pela memória. Como a reconstrução, por dois velhos militares, da mais gloriosa batalha que travaram. Só alguém bem mais míope que eu não se daria conta de que a eles se aplicava a dicotomia Babel/Sião, presente em tantos e tantos textos ao longo de séculos e que Camões tão bem resumiu:

Sôbolos rios que vão  
Por Babilónia, me achei,  
Onde sentado chorei  
As lembranças de Sião  
E quanto nela passei.  
(...)  
Ali, lembranças contentes  
Na alma se representaram;  
E minhas cousas ausentes  
Se fizeram tão presentes  
Como se nunca passaram.<sup>17</sup>

Não sei quanto tempo levei a aperceber-me que, mais do que o resultado, para eles contava o processo. Foi isso que levou ao pequeno conflito (e desilusão mútua) que

---

<sup>16</sup> A expressão «estar na prateleira» é inequívoca, sobretudo em relação à televisão pública da época: alguém que, não tendo sido propriamente despedido por pertencer ao quadro, se encontrava numa espécie de limbo profissional, talvez de castigo, não lhe sendo distribuídas tarefas ou, pelo menos, tarefas equivalentes ao seu estatuto. Uma situação geralmente desconfortável para o trabalhador, ficar desempregado sem no entanto perder o emprego.

<sup>17</sup> CAMÕES, Luís. Super Flumina. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000163.pdf>

resultou na minha despromoção. A partir do nº 31 (29/1/94) deixei de ser editor, passando a integrar «apenas» a redação durante os dezassete números restantes. Em termos de produção de páginas e texto, continuei sensivelmente com o mesmo trabalho. Uma só funcionalidade se modificou, mas (sou o primeiro a reconhecer) assaz importante, quiçá essencial. Tratarei o caso no ponto 5 (a maldição do Tagarro), mas não resisto a reproduzir já as palavras constrangidas, em voz entristecida, que Júlio Pinto me dirigiu: «Rui, eu e o Mário estivemos a pensar... e achamos que estás a ficar fora do espírito do jornal.»

Júlio Pinto e Mário Lindolfo tinham, com efeito, ideias muito definidas do que era «o espírito do jornal», e isso implicava não só fazê-lo – conseguir ter o jornal pronto sexta de manhã a tempo de ir para a gráfica e estar nas bancas sábado – mas também um *modus vivendi*, uma forma de estar, um caminhar caminhando. Era isso, estou convicto, o que os motivava: o regressar àquela estranha forma de vida, ao Bairro Alto do tempo dos jornais do Bairro Alto, ao Bairro Alto cujas ruas, se líquido jorrassem, jorrariam mais tinta que um pires de chocos com tinta. Até certo ponto, os outros éramos só «compagnons de route», camaradas de jornada, mas mancos de passado. Ocorrem-me títulos como *A Última Cavalgada*, *A Carga da Brigada Ligeira*, *O Último Moicano*, *O Fim de uma Era*. E, reconheço com pesar, a partir de certa altura terei mesmo ficado «fora do espírito do jornal». Essa é que é essa.

*O Fiel Inimigo* foi alguma coisa para todos nós. E nem sempre a mesma. Por exemplo, para Viriato Teles terá sido a chance de viver uma época à qual chegou tarde, a do «jornalismo heroico, combativo e de esquerda» (o que quer que isto queira dizer). Viriato era um jornalista que escrevia sobretudo sobre musicava e trabalhava na rádio, moço da minha geração, mas nostálgico do mundo em extinção do qual Júlio Pinto e Mário Lindolfo eram lídimos representantes – aliás, praticamente últimos sobreviventes. O anacronismo de Viriato (é a minha leitura, posso estar errado) era inverso ao deles: ele, pobre Pierre Menard da esquerda *soixanthuitarde* com barba, óculos e camisa aos quadrados, queria ter nascido um par de décadas antes! Daria tudo para ter sido *amigo do Zeca* (Afonso) nos inícios de Coimbra, radialista na Argélia (com Manuel Alegre), exilado em Paris (com José Mário Branco), preso em Caxias (com a malta toda). E, enfim, Jean-Luc Godard de si mesmo.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Podem perguntar a Viriato Teles o que acha desta descrição – ele ainda anda por aí, embora agora, na linha de Ivan Lins quando a nova esposa lhe fez um tratamento radical à imagem, cortando-lhe a

## HABITANDO A CASA FANTASMA

Ao princípio, eu próprio estava – aprendiz de jornalista – disponível para o que adivinhava ir ser uma aula, uma *masterclass*. Uma introdução a um mundo perdido, o dos jornais do Bairro Alto. Em décadas anteriores, praticamente todos os jornais tinham a sede e as rotativas ali no bairro: o *Diário Popular* e o *Diário de Lisboa* na Rua Luz Soriano, o *República* no largo da Misericórdia, *A Capital* na Travessa do Poço da Cidade, o *Diário de Notícias* (há muito mudou para o cimo da Avenida da Liberdade) a sua passagem ainda assinalada na rua com o seu nome, *O Século* na Rua do Século. Um tempo no qual os jornalistas faziam parte da fauna boémia, assistiam à impressão nas rotativas, era comum haver uma edição da manhã e outra da tarde, discutiam as manchetes com os tipógrafos; em suma, se respirava chumbo – o chumbo da impressão em papel. Eu visitara a redação do *República* em criança; Júlio Pinto e Mário Lindolfo tinham mesmo vivido esse mundo e estavam felizes de o poderem visitar e, digamos, reencenar.

O nosso espaço de trabalho era ele próprio um fantasma. A grande sala da redação do *Diário de Lisboa*, onde teriam estado em simultâneo pelo menos uma dúzia de jornalistas, fora agora reduzida a um baldio semiabandonado, com umas três ou quatro mesas soltas, sem necessidade de arrumação, dado que espaço não faltava, faltava era povoamento humano. Um resto, um eco, uma ruína romântica, como as que, no século XIX, provocavam *Ruinenlust*.<sup>19</sup>

Começámos a trabalhar nos quatro números zero a partir de abril de 1993. O primeiro número é colocado nas bancas sábado, 3 de julho de 1993. Ora, em setembro, um jovem casal constituído pela minha mulher e por mim confirmou que, em maio ou junho do ano seguinte, chegaria o seu primeiro filho. Eu bem tentei, juro que tentei, acompanhar o mais possível o Júlio e o Mário – afinal, era o terceiro mosqueteiro, um dos dois editores que secundavam o capitão desafiado para esta odisseia por um par de investidores «bons piratas» [sic] que tinham achado interessante aproveitar o espaço

---

barba, mudando os óculos e a roupa. Em suma, modernizando-o. No interim, em 1999 Viriato publicou em livro um brilhante trabalho sobre, precisamente, José Afonso: *As voltas de um andarilho*, Lisboa, Ulmeiro, entretanto reeditada pela Assírio & Alvim em 2009.

<sup>19</sup> A expressão existe como uma sorte de conceito, e aqui chegou-me através de um belo livro de poesia de Ricardo Marques (2016) com esse mesmo título.

abandonado, as máquinas e o pessoal da tipografia, durante um período de limbo, enquanto não lhes era dado mais lucrativo uso, financiando destarte de raiz um semanário de humor.<sup>20</sup>

O quarto mosqueteiro funcionava como anti-D'Artagnan: era o diretor gráfico, Edmundo Tenreiro, responsável pela linha gráfica. Tenreiro era uma imposição dos padrões, e talvez o único elemento da equipa que não chegou ao *Fiel Inimigo* através de Júlio Pinto. E, tal como Júlio e Lindolfo, era um profissional competente de outro tempo – só que, aqui, ao contrário deles, era peixe fora de água. Toda a gente acha que tem sentido de humor, e Tenreiro não era diferente; mas, lá diz o provérbio, «Quem sabe se a sopa está boa não é quem a faz, é quem a come». O seu trabalho de paginação era funcional, e foi importante, ou não viesse ele de uma bem-sucedida carreira primeiro como designer, depois como diretor gráfico; era um homem bem-disposto, magro, com um bigode sedutor, sempre de fato e gravata, medidas, um *dandy* do velho Bairro Alto, um cavalheiro, contente consigo próprio. Ele e Júlio Pinto eram, a bem dizer, os únicos com experiência real de como se fazia um jornal e, nesse sentido, eram os dois pilares daquele projeto. Infelizmente, a linha gráfica não tinha acompanhado aquilo que Gillo Dorfles (2001) designou de *oscilações do gosto*. O logotipo que Tenreiro desenhou para a cabeça do jornal não ajudou o *Inimigo* a apontar ao público-leitor ambicionado. Associado ao jogo de palavras do título desde o início, o grafismo-possível marcou um tipo de humor que estava a leste do que nós queríamos fazer, e (é uma opinião discutível, mas documentada) afastou-nos desde logo do público mais jovem e urbano. Aquele grafismo puxou-nos para um universo próprio do teatro de revista de um Parque Mayer.

Em compensação, foi também ali no *Fiel Inimigo* que se revelou algum futuro, nomeadamente da BD em português: Nuno Saraiva acabaria por iniciar ali uma brilhante parceria com Júlio Pinto que só terminaria com a morte deste, prematura, aos 51 anos.

E André Carrilho, hoje um dos grandes valores mundiais numa área que tudo levava a crer ter ficado esgotada em meados do século XIX, mas à qual este jovem prodígio acrescentou um ponto à porta do novo milénio.<sup>21</sup> Chegado de Macau e trazido

---

<sup>20</sup> Sem esta conjunção semi-fortuita de fatores não creio que tivesse havido *Fiel Inimigo*.

<sup>21</sup> O seu trabalho é regularmente publicado, muitas vezes como capa, nas mais poderosas e prestigiadas revistas mundiais. Cf. [andrecarrilho.com](http://andrecarrilho.com).

ao jornal por um tio, Carrilho começou a fazer caricatura por sugestão nossa (creio, o próprio poderá dar outra versão), e banda desenhada. Com apenas vinte anos, o André rapidamente se revelou um talento enorme. O que nos surpreendeu nele foi o traço perfeito e o modo como conseguiu inovar numa área que parecia esgotada e que teve o seu auge no século XIX. Logo a primeira capa que fez – uma caricatura de Macário Correia, político do PSD (fig. 4) – estão já todos os elementos que tornariam um príncipe de nível mundial numa tão escassa área. Só me ocorre, a propósito, uma frase de um filme de Ingmar Bergman: «Sob a fina membrana, podíamos ver já o réptil perfeito».<sup>22</sup>



(Fig. 4. Macário Correia. Nº2, 10 de julho de 1993)

De entre os outros desenhadores cujo talento contribuiu para o *Inimigo*, valerá a pena referir Serer, um caso estranho, ainda hoje. Em vão busco informações sobre ele, nem sei se ainda será vivo. Merece um estudo. Serer chegou também via Júlio: «Não conheces o Serer? Tens de o conhecer. O gajo é um personagem. As histórias dele são do humor mais negro que já vi. E para ele aquilo não é sequer humor, é a vida dele.»

<sup>22</sup> Ingmar Bergman (1977), *O ovo da serpente*.

Quando vi Serer compreendi o que Júlio queria dizer: pequenino, feio, muito míope, cabelo desgrenhado descendo da careca, parecia uma figura saída dos próprios cartoons que desenhava: eram de um miserabilismo estranho, exagerado, grotesco, tanto no estilo como na temática. O traço não me agradava muito, ao contrário do de Nuno Saraiva, André Carrilho ou Lam. Mas havia uma veemência sem transigências, brutal, naquelas *charges*. O seu «bairro zero» obrigou-me mesmo a cunhar um termo: *humor-lumpen*.

Veja-se o caso de «Desemprego»<sup>23</sup> (fig. 5):



(fig. 5. Bairro Zero: o desemprego)

Serer era uma anomalia no jornal? Sim, mas uma boa anomalia. A rubrica «Bairro zero» tinha uma crueza quase *punk* quer no traço, quer na interpretação da realidade. Veja-se o cartoon abaixo (fig. 6), com um casal cuja forma de tomar banho é o no mínimo peculiar:



(fig. 6. Bairro zero – o banho)

<sup>23</sup> Nº 00, junho 1993, p. 8.

## A MALDIÇÃO DO TAGARRO

E chegamos ao cerne do artigo. A rotina, tal como a recordo, era a seguinte para diretor e editores. Combinávamos estar lá às nove, chegávamos às dez. A sala – um *open space* de uns 200 m<sup>2</sup> – estava desoladoramente vazia. Escrevíamos alguma coisa, ou tentávamos, pois o humor escrito exige uma presença de espírito que outras tarefas não requerem tanto. E continua a ser um problema de difícil resposta: como escrever com graça? Até que o Júlio se aproximava e dizia: «Epá, e se fôssemos à D. Rosa tomar um café para arrebatar?» Íamos. Voltávamos à redação meia hora depois, teclávamos umas frases, eu mais rápido (era mais novo e menos experiente, por isso escrevia o que tinha a escrever), Até que o Júlio conferenciava com o Mário e se aproximava da minha mesa com uma solução genial para o marasmo: «Epá, eu e o Mário estivemos a pensar, e se fôssemos ao Tagarro já, almoçar, e depois voltamos mais cedo para trabalhar?»

E lá íamos, à Adega do Tagarro, Rua Luz Soriano nº 21, na altura uma modesta casa de pasto que servia os profissionais do bairro e, por conseguinte, os jornalistas do tempo em que o Bairro Alto era um viveiro de jornais e as fronteiras entre trabalho árduo e vida boémia amiúde se esbatiam. Invariavelmente, encontrávamos lá o diretor gráfico, Edmundo Tenreiro, noutra mesa, sempre de fato e gravata, magro, elegante, com o seu bigode sedutor, em contraste com o Júlio e o Mário, desmazelados de corpo, cabeça, roupa. Nunca o convidámos, tampouco ele nos convidava.

Almoçávamos, confortando com comida caseira e vinho da casa a falta de inspiração matinal.

E, na hora das sobremesas, começava a dança dos meios-uísques:

«Vamos beber só meio-uísque, para estarmos em forma.»

«Boa ideia. Tu também queres, Rui, certo? Ó sr. António, arranje-nos aí três meios-uísques.»

Só que um meio-uísque acabava sempre por ser pouco. E lá vinha novo meio-uísque.

E outro.

E outro.

E...

Regressávamos ao *Fiel Inimigo* e tentávamos trabalhar mais um pouco. Estávamos contudo, vá lá saber-se porquê, algo pesados e melancólicos, e é de ciência geral que nem sempre a neurastenia ajuda à criação de textos humorísticos. Após conferenciar com Mário Lindolfo, o Júlio repetia a rotina de se aproximar da minha mesa: «Epá, e se fizéssemos uma pausa e fôssemos à D. Rosa tomar um café?»

E íamos à D. Rosa, na Travessa dos Inglesinhos, lanchar. Só que, era do entendimento comum (pelo menos, o daqueles dois velhos jornalistas revivendo o passado), um café por vezes descia melhor com uma aguardente velha ou, digamos, uma Macieira, excelentes de resto para a digestão.

E lá voltávamos ao velho espaço do *Diário Popular* (1942-1991), fechado três anos antes e ao qual nós, escassos, tentávamos devolver alguma vida, ocasionalmente visitados pelos outros parceiros de aventura: o Viriato, o João Romão, os miúdos Lam e Carrilho, o Nuno Saraiva, já veterano apesar de ainda estar longe dos trinta anos, o Serer e o seu grotescamente cómico cartoon, o desperdiçador do próprio talento Relvas, e poucos mais – porque não havia muitos mais.

Até que, alvíssaras, capitão, havia enfim um texto! Um texto! Júlio acertara com o tom certo para o que queria dizer no editorial do próximo número, ou agarrara a forma do artigo de fundo. Mário inventara uma boa piada. Era o momento mais agradável do dia: os risos antecipados, o ar de conspiradora malícia do Júlio. Era altura de celebrar – apesar de ainda haver muita página por preencher, e tinha de estar tudo pronto quando, daí a dias, fosse tudo para a gráfica. O que fazer, continuar a trabalhar mais um pouco? Sim, claro! Talvez no entanto uma estratégia não-linear fosse adequada:

«Epá, que tal irmos já andando para o Tagarro, são quase sete e meia, jantamos cedo, e depois vimos aqui trabalhar mais um bocado?»

Como resistir a tão bem elaborado e ponderado plano?

Na Adega do Tagarro comíamos bem, éramos clientes habituais, e à noite havia sempre conhecidos do Júlio ou do Mário noutras mesas, que por vezes se nos juntavam – ou mesmo colaboradores nossos, chegados após cumprirem o horário de trabalho que verdadeiramente lhes pagava as contas.

Eram jantares animados. Comida caseira, boa, e vinho da casa, decente.

E, no fim, havia a dança dos meios-uísques. O lado bom é que posso gabar-me de nunca, nos almoços e jantares do Tagarro, ter bebido um uísque inteiro.

Regressávamos pelas dez da noite à antiga redação do *Diário Popular*, que agora era sede do *Inimigo* (mas sem nunca perder o ar de abandono, e nós a sensação de sermos passageiros clandestinos ocupando ilegalmente um navio fantasma), e escrevíamos – tentávamos escrever – mais um pouco. Até que, perto da meia-noite, o Júlio sentenciava:

«Epá, acho que já estamos cansados. E se amanhã estivéssemos cá mais cedo, se possível até antes das nove, a ver se produzimos mais?»

Eu ficava aliviado, íamos enfim para casa. A dada altura, a gravidez da minha mulher (e a sua crescente solidão) começaram a pesar-me na consciência, tal como os meios-uísques no corpo. O mínimo que eu podia fazer era tentar estar um bocado junto, partilhar esta coisa tão importante para ambos. Aliás, algo que me intrigava era como o Júlio e o Mário faziam com esposas e filhos. Fui percebendo, paulatinamente, que as famílias já estavam habituadas. Era o estilo de vida deles, nada a fazer. Mas não era – não ainda, não quando ia ser pai pela primeira vez – o meu. Enfim, íamos para casa antes da meia-noite, e já não era mau.

Só que, quando íamos a sair, alguém tinha sempre uma infeliz ideia brilhante:

«Epá, e se fôssemos beber um último copo ao Escondido?»

*O Escondido* era um bar aberto em teoria só até às duas, na prática até às quatro, nem sequer sei se era mesmo esse o seu nome, sei que era assim que o chamávamos. Um tugúrio minúsculo, abafado, mas bem caloroso em contraste com o frio e hostil *open-space* onde, mais do que trabalhar, acampávamos.

E pronto. Eis a rotina diária, tal como a recordo. Na manhã seguinte, o ciclo recomeçava, com variações mínimas, mantendo o essencial da estrutura quase sete dias sobre sete.

Ao fim de seis meses, eu estava entre o desalentado e o encantado.

Quando a gravidez da minha mulher já ia avançada, despertei do meu torpor moral. E comecei a levar trabalho feito em casa. Preenchia na mesma a minha quota de páginas (cerca de quatro, cinco), debatia as linhas mestras do número seguinte, mas – pelo menos à noite – tentava resistir aos cantos de sereia dos meus dois amigos mais velhos e, marido bem-comportado, ir embora para casa.

Cortei nos meios-uísques. Deixei de os acompanhar tanto ao Tagarro pelo almoço e jantar, à D. Rosa pela manhã e tarde, ao Escondido noite dentro.

Até que chegou o dia em que (eu podia tê-lo previsto, não o previ, mas também não me surpreendi) o Júlio e o Mário se aproximaram de mim, pesarosos, a dar-me funesta notícia:

«Epá, Rui, eu e o Mário estivemos a pensar... e achamos que estás a ficar fora do espírito do jornal.»

Não fui demitido, fui despromovido. Deixei de ser editor. Para o meu lugar entrou João Romão<sup>24</sup> e continuei no jornal até ao fim, mas a partir daí como «colaborador».

## HUMOR SEM MEDO

Ao optar pela paródia política da realidade e da atualidade, o *Fiel Inimigo*

De entre muitas primeiras páginas fortes e atrevidas, destaco uma, notável, sobre um assunto que só hoje começa a ser discutido publicamente com alguma seriedade num país que não gosta de falar desse assunto, até porque em teoria ele não existe nem alguma vez existiu nesse universo mágico chamado Imaginário Portuguez.<sup>25</sup> Com a simples troca de uma consoante, Júlio Pinto cunha mais um dos seus muitos brilhantes achados: *brancos costumes*.<sup>26</sup> A referência é ainda hoje óbvia: Portugal como «o país dos brandos costumes». A capa foi decidida na sequência de um ataque racista violento no Bairro Alto, apenas noticiado noutros jornais como um *fait divers* mas, aqui, chamado com notáveis lucidez e ferocidade para tema de capa. O conceito foi ilustrado por André Carrilho (fig. 7), e expressa o que o *Inimigo* foi, nalguns momentos, e o que poderia ter sido sempre: crítica em cima da atualidade, desvelando e dando conta, sem complacências e com mais rigor jornalístico que os supostos jornais sérios, das tensões de um tempo.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> E, apesar de eu ter desejado boa sorte ao seu fígado, o João durou pouco no posto. Não vou negar que fiquei secretamente satisfeito.

<sup>25</sup> A 6 de julho de 2018 (*Público*, p. 4), o alto-comissário das migrações Pedro Calado diz textualmente numa entrevista: «Os portugueses não são genericamente racistas. Mas todos temos os nossos preconceitos.» A intenção até pode ser simpática, mas reproduz um mito que vem desde os tempos coloniais: a de uma originalidade portuguesa que, por milagre dialético, dado que ao contrário dos outros não temos racismo, nos torna superiores.

<sup>26</sup> E o jogo de palavras veio para ficar. Em 2018, o título de um livro é *Racismo no País dos Brancos Costumes* (Joana Gorjão Henriques, Lisboa: Tinta da China).

<sup>27</sup> O advento dos noticiários televisivos de comédia, a partir de 1996 com o *Daily Show* apresentado por Jon Stewart, permite que hoje já ninguém se surpreenda com o deprimente paradoxo: se queremos jornalismo sério, inteligente e de investigação talvez devamos procurá-lo nos *media* de sátira e humor.

Não há ambiguidade, não há neutralidade. Para *O Fiel Inimigo*, o racismo era real, os supremacistas brancos eram supremacistas brancos e, quando se juntavam em bando, revelavam-se não só *cabeças rapadas* (o termo em português para o inglês *skinhead*) mas, sobretudo, *ideias rapadas*.<sup>28</sup>



(fig. 7. Nº 11, 11 de setembro de 1993)

## UM RELATO PESSOAL

Foi uma aventura breve? Admitamos que sim. No entanto, tanto quanto sei, foi a última vez que uma publicação periódica de humor de âmbito nacional e distribuição em banca que tentou ser autónoma.<sup>29</sup> José Vilhena usava esse argumento como justificação para, já tarde na vida, ainda ter feito algumas revistas mensais: *O Fala-Barato*, *O Cavaco*, *O Moralista*. «Como é possível Portugal não ter uma publicação independente de humor?», dizia-me.<sup>30</sup> A verdade é que não tem. Não há. Poderíamos quase dizer que é uma originalidade portuguesa, um traço distintivo, como Jacinto Prado Coelho (1977) disse da censura. O diário *Público* viria a ter a partir de 2003 um

<sup>28</sup> Júlio, também.

<sup>29</sup> Não é de excluir a existência pontual de fanzines, mas esses necessitam de outro radar.

<sup>30</sup> Depoimento pessoal.

suplemento semanal chamado também «O Inimigo Público», o *Expresso* teria durante o verão de 2005 uma espécie de encarte, «O Inevitável». E haverá mais. O facto é que, independentemente da qualidade, e do maior ou menor sentido crítico e de provocação, essas não se qualificam como publicações autónomas, por um singelo pormenor: não o são.

Um relato pessoal vale? Sim, se for honesto e, cumprindo um princípio basilar em ciências humanas (Eco, 1992: 50), fornecer ao leitor elementos para questionar o que é dito. E espero que este seja o primeiro de muitos artigos sobre *O Fiel Inimigo*. Os exemplares estão disponíveis para consulta na hemeroteca de Lisboa, pelo menos. Urge dar início a um projeto, alcançável com relativa celeridade, de digitalização. Isto é um pontapé de saída, uma sucinta versão pessoal dos acontecimentos. Ainda assim, o que há de factual é verificável: os números que saíram, as datas, a tiragem, o número de exemplares vendidos, as mudanças estratégicas ao sabor do vento (ou seja, sem dados a substanciar-nas), a ficha dos colaboradores, a diversidade do humor e dos humores. Essa matéria prima está, depois, sujeita a interpretação e só é pena que dois intervenientes maiores (Júlio Pinto e Mário Lindolfo) já não estejam cá para participar numa mesa redonda sobre esta aventura rara de um *semanário humorístico autónomo e independente*. E, pensando bem, não creio que a experiência tenha sido nem tão falhada (deu frutos e teve alguma graça e ousadia) nem tão breve assim. Afinal, se só durou (ou arrastou por) quase um ano, a verdade é que, visto por outro lado, o *Fiel Inimigo* ainda durou (ou arrastou por) quase um ano. E, no caso do humor, ‘ver por outro lado’ é metodologia essencial.

## JÚLIO PINTO

Não era um homem bonito, o Júlio Pinto. Careca desde novo, cabelo em desalinho entre as orelhas (uma coincidência com Serer), quisto sebáceo no cocuruto, o Júlio parecia um cruzamento de buda irónico com *leprechaun* irlandês, o riso besuntado por uma barba esparsa, irregular. Gosto de o recordar com esse riso malicioso – e suponho que quem mais tenha saudades dele fará o mesmo. «Uma criatura estranha, este militante de causas perdidas com sentido de humor», diz Inês Nadais menos de um ano antes de Júlio Pinto morrer – relativamente jovem, aos 51 anos (1949-2000), mas com uma vida cheia, e admirado (e, melhor ainda, apreciado) por dois príncipes da

coisa, ainda para mais em polos aparentemente opostos da erudição e da iconoclastia: José Vilhena e Alberto Pimenta.

O *Inimigo* foi o bebé do Júlio – e foi ele, secundado até ao fim por Mário Lindolfo e, depois, toda a equipa – quem o transportou, o viveu, por ele lutou até ao fim.

Afinal, o editorial do primeiro número, a 3 de julho de 1993, já marcava o tom:

E, ao contrário dos restantes órgãos de informação, que aliás muito respeitamos, “O Inimigo” é um jornal de todos os portugueses. Melhor, o jornal de todos os portugueses. O “Expresso” tira 150 mil exemplares por edição? É pouco. Exclui da possibilidade de compra, logo, à partida, 9 850 224 portugueses.

Com a sua tiragem de 10 000 224 exemplares, “O Inimigo” dirige-se a todos e a cada um dos portugueses, sem qualquer tipo de discriminação. Mesmo os analfabetos poderão comprar “O Inimigo” – temos imensa bonecada e até textos escritos por colaboradores menos alfabetizados.<sup>31</sup>

Os editoriais seriam, aliás, o afirmar de tom e grande linha orientadora – sátira social mas também à própria comunicação social, às suas pequenas e grandes hipocrisias, num tempo em que (embora ainda sem competição de redes sociais) já se fazia sentir a famigerada ‘crise da imprensa’. O meu favorito para o primeiro número teria sido o do protótipo 01, no qual Júlio faz o *Elogio da Inimizade*:

O que faz de nós cidadãos relativamente normais (...) é a existência de inimigos. (...) Sem inimigos, adormeceríamos sobre o próprio umbigo. Que teria sido dos homens sem sono, os nossos Capitães de Abril, sem o inimigo fascista? Teriam adormecido, claro, e hoje a direita estaria no poder, o capitalismo teria regressado ainda mais pujante, ainda mais selvagem.

E que seria de milhares de crianças sem a inimizade dos pais que os espancam? Ou dos adolescentes expulsos de casa por fumarem um charro ou estamparem o carro número um da família?

Acabariam todos instalados, quem sabe até no governo, como o dr. Marques Mendes. E esta sociedade de sucesso não teria qualquer reserva significativa de indignação.<sup>32</sup>

Depois do *Inimigo*, Júlio Pinto foi feliz durante uns anos. A parceria com Nuno Saraiva encontrou novo espaço no semanário *O Independente*, e fariam duas bandas desenhadas notáveis publicadas depois em livro: a *Filosofia de Ponta*, conjugando episódios eróticos com citações vertiginosas de filósofos; *Arnaldo, o Pós-cataléptico*, a desventura de um jovem esquerdista que entrou em coma durante o Verão quente de 1975 e acorda vinte cinco anos depois, numa realidade bem diferente: muitos ex-

<sup>31</sup> O Fiel Inimigo, Edipress: Lisboa. 3 de julho de 1993

<sup>32</sup> P. 2 do nº 01 da fase de testes (quatro números), não publicado.

camaradas maoistas agora empresários, membros de partidos de direita, etc. Uma oportunidade mais para o Júlio se «vingar» (no bom sentido da palavra vingar: ou seja, a rir) das traições do tempo e da condição humana.

Júlio Pinto faleceu a 5 de outubro de 2000, dia da implantação da República de 1910. O 5 de outubro foi feriado nacional até 2012, repostado quando da formação de novo governo em 2016.

**RECEBIDO EM: 01/06/2018**

**PARECER DADO EM: 13/06/2018**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)